

O SISTEMA FAXINAL COMO MECANISMO MITIGADOR DOS IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NAS TRADIÇÕES ALIMENTARES

Priscilla France Pinheiro Mooz¹
Marcos Roberto Pisarski Junior²

Resumo

A globalização, como expressão máxima do capitalismo, traz consigo alguns aspectos mercadológicos como a padronização e homogeneização de hábitos culturais e alimentares que conflitam com a soberania alimentar popular. Este artigo busca apresentar uma breve análise da relação entre as tradições e hábitos alimentares encontrados nos faxinais paranaenses com seu modelo de produção e suas potencialidades. Por meio de observação de campo e revisão bibliográfica, este trabalho apresenta um panorama de como os faxinais podem ser potenciais mecanismos mitigadores dos impactos da globalização na alimentação e portanto podem contribuir para a conservação das tradições alimentares e a produção de espécies agrícolas que não interessam a lógica capitalista.

Palavras-chave: Faxinais, Tradições Alimentares, Globalização.

Introdução

A alimentação, como expressão cultural de um povo, não se restringe apenas a valores nutricionais, ela envolve diversos aspectos antropológicos, históricos, econômicos, geográficos e sociais que permeiam todas as interfaces da produção, distribuição e consumo de alimentos na realidade contemporânea capitalista em que vivemos.

Neste modelo econômico capitalista de produção, vivenciamos, além da exploração econômica e as relações de poder estabelecidas por ela, padronização de costumes populares, frutos da globalização cultural, e que são artificialmente inseridos na nossa sociedade, entre eles os hábitos alimentares.

Neste processo de padronização de hábitos alimentares, a globalização faz com que apenas certos preparos sejam consumidos no dia a dia e que, principalmente, um número pequeno de variedade de alimentos sejam produzidos e assim consumidos.

¹ Estudante do curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: prispinheiro1@gmail.com

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR) na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em Marketing (UNINTER) e Tecnologia em Gastronomia (PUCPR). E-mail: mpisarski92@gmail.com

Atualmente é sabido que é utilizada apenas uma pequena fração dos alimentos que eram consumidos, isso se deve a produção em larga escala baseada no agronegócio que prioriza a produção de commodities como soja, milho e trigo. Na contramão desse processo, encontra-se no modelo do sistema de faxinais uma produção de forma sustentável e que compreende a diversidade agrícola para consumo humano e animal.

Este trabalho teve como principal objetivo contribuir para o debate a cerca da questão da alimentação em nossa atual conjuntura social e econômica. Após meses de leituras e reflexões foi concreta a necessidade de querer iniciar esse debate transdisciplinar partindo do marco zero da alimentação: sua produção e o que a permeia.

O debate a respeito da soberania alimentar e da manutenção das tradições alimentares necessita estar cada vez mais em exposição devido a todas as agressões que essas bandeiras têm sofrido nos últimos anos. Desde a segunda metade do século XX, devido aos fortes impactos da globalização neoliberal e dos efeitos da revolução verde, o “nosso prato de cada dia” está cada vez menos “nosso” e o modo de produção dos alimentos, capitaneado pelo agronegócio e seus aparatos, é o principal responsável por isso.

Existe, em paralelo, o processo da McDonalização dos hábitos alimentares, onde, o mercado e seus grandes conglomerado, fazem como que o consumo, e portanto a produção de alimentos, seja baseado em alimentos processados e padronizados, efeito esse da globalização cultural na alimentação e do ritmo da sociedade no capitalismo. (SANTOS, 2006)

Em outro campo de análise, o sistema agrosilvopastoril de Faxinal aparenta ser um contraponto na lógica de produção dos alimentos, pois representa uma resistência a agricultura convencional, fruto do agronegócio e sua ideologia neoliberal. Ao longo do trabalho alguns aspectos a respeito do sistema Faxinal são levantados e suas ligações com o tema central do artigo são discutidos de forma dialética.

Para a elaboração deste trabalho, os autores se basearam em duas técnicas metodológicas de pesquisa para elaborar produzir as discussões trazidas no corpo deste artigo. O primeiro, e mais demorado, foi a leitura, reflexão e revisão de bibliografias como livros, teses, dissertações e artigos científicos que trouxessem os temas: sistema faxinal, tradições alimentares, globalização, “McDonalização” e outros que permeiam a ideia central do debate que foi realizado.

A segunda etapa da pesquisa, foi a comparação dos dados e informações levantadas a partir do passo anterior com a realidade observada nos faxinais através de visitas no último

ano e nos anos anteriores, focando a observação nas formas de lidar com gêneros agrícolas e conversas com moradores das regiões.

A priori, após uma densa revisão bibliográfica, foram levantadas hipóteses sobre as relações da soberania alimentar e a conservação de tradições alimentares com os modos de produção de alimentos no sistema Faxinal. Em seguida, após visitas realizadas em faxinais na região metropolitana de Curitiba/PR (Rio Negro e Lapa), foi realizada uma comparação entre a realidade observada e a hipótese levantada a priori, assim, a posteriori, trazendo o resultado dessa análise.

Após essa comparação dos dados, é realizada uma discussão que planeja conectar algumas relações entre o sistema faxinal e seu papel mitigador em relação a globalização e a “McDonalização” em suas regiões, utilizando diferentes autores de diferentes áreas, para assim enriquecer o debate proposto.

Discussão

A alimentação é uma necessidade básica para o ser humano, o primeiro e indispensável “ato histórico” para a reprodução da vida, como afirma Karl Marx e Friedrich Engels (1987, p.39): “os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais.”.

Mas para além de valores nutricionais, a alimentação envolve diversos aspectos antropológicos, históricos, econômicos e sociais, nesse sentido o antropólogo Roberto DaMatta (1986, p.56) afirma: “comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere”.

O historiador Carlos Antunes dos Santos (2006, p. 1), pesquisador da história da alimentação, afirma no mesmo sentido:

Os alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais, como espelho de uma época e que marcaram uma época. Nesse sentido, o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come. (SANTOS, 2006, p. 1)

Assim, podemos afirmar que a alimentação não é apenas algo funcional, mas carrega em si o acúmulo cultural de um povo, seus costumes e tradições e além de também fazer parte da sua dinâmica social, sofrendo influências e influenciando a realidade de um povo, de forma dialética.

Na globalização, fruto do neoliberalismo capitalista e ápice deste processo de internacionalização do mundo, como afirma Milton Santos (2006), é vivenciada uma padronização de hábitos que busca uma homogeneização cultural com intenção de fazer com que o capitalismo exerça ainda mais poder de influência no nosso cotidiano.

Entre alguns dos aspectos que sofrem dessa influência da globalização capitalista, podemos afirmar que a alimentação é uma expressão material desse processo predador e homogeneizador na cultura de um povo. Ele pretende assim transformar os aspectos culturais em produtos ou como Harvey (2005) classifica, os transforma em “commodities”.

Essa parte do processo da globalização que pretende homogeneizar os hábitos e costumes culturais foi batizado de “McDonalização” pelo sociólogo George Ritzer (2004), que descreve suas diferentes facetas na nossa realidade. Esse termo é utilizado nos diversos âmbitos culturais da nossa sociedade, principalmente no debate sobre hábitos e costumes alimentares.

Portanto, a “McDonalização” dos hábitos alimentares, pretende padronizar costumes alimentares, assim fazendo frente ao patrimônio e tradições alimentares e tentando destruí-las. Além de atacar as tradições alimentares, os efeitos da “McDonalização” são de reduzir a qualidade dos alimentos, a variedade de alimentos a serem consumidos e, principalmente, lucrar o máximo possível com a venda de alimentos processados de baixo custo. (SANTOS, 2006)

No sentido de relacionar a globalização com a produção e consumo de alimentos na nossa atualidade, a pesquisadora Rosa Garcia (2003, p. 485) afirma:

A globalização atinge a indústria de alimentos, o setor agropecuário, a distribuição de alimentos em redes de mercados de grande superfície e em cadeias de lanchonetes e restaurantes. A difusão da ciência nos meios de comunicação e o uso do discurso científico na publicidade de alimentos também exercem seu papel no cenário das mudanças alimentares. (GARCIA, 2003, p. 485)

Devido a isso, é comum que o mercado defina quais alimentos irão ser consumidos, assim nos possibilitando o acesso a apenas uma pequena fração dos alimentos que já nos serviram, colocando em risco tradições alimentares e culturais de várias gerações.

Neste tema, Garcia (2003, p. 484) afirma sobre a alimentação no cotidiano do capitalismo que vivemos:

Produto deste modus vivendi urbano, a comensalidade contemporânea se caracteriza pela escassez de tempo para o preparo e consumo de alimentos; pela presença de produtos gerados com novas técnicas de conservação e de preparo, que agregam tempo e trabalho (GARCIA, 2003, p. 484)

Esse processo se deve principalmente a produção de determinados alimentos através da agricultura convencional, resultante das práticas do agronegócio, que prioriza a produção em larga escala de commodities como soja, milho e trigo, utilizando de sementes geneticamente modificadas e com aditivos agrícolas como agrotóxicos e pesticidas, visando assim a maior taxa de lucro possível. (GONÇALVES, 2006)

O historiador Carlos Antunes dos Santos (2006, p.12), afirma alguns dados a respeito da alimentação e sua relação com o campo, como:

Hoje nossa alimentação se baseia em poucas espécies: menos de 30 plantas são responsáveis pela alimentação de 95% da população. No século XIX extinguiram 250.000 espécies vegetais. [...] Desde o início do século XX, a América perdeu 93% de seus produtos agrícolas e a Europa quase 85%. (SANTOS, 2006, p. 12)

Com essas informações é possível entendermos como as pautas da soberania alimentar e a manutenção de tradições alimentares são antagônicas a globalização e o agronegócio.

Nesse sentido o geógrafo Rodrigo Camacho (2009, p. 18-19) apresenta a questão das sementes que derivam a diversidade do campo, e que devido ao agronegócio são postas em cheque:

Devido a grande incidência atual de alimentos transgeneticamente modificados se faz necessário refletirmos a respeito da importância de preservarmos e de reproduzirmos essas sementes crioulas, pois a extinção dessas sementes acarretará fatalmente, a extinção de espécies milenares necessárias à sobrevivência humana e preservadas durante várias gerações pelos povos do campo. (CAMACHO, 2009, p. 18-19)

Na contramão do agronegócio e seus aspectos econômicos, encontramos o sistema Faxinal, um sistema agrossilvipastoril que, diferente da agricultura convencional, compreende

a diversidade agrícola para consumo humano e animal. O geógrafo Wladimir Schuster (2009, p.2) descreve os faxinais como:

[...] dois espaços separados por cercas ou valos: as “terras de criar”, que são áreas de uso comum dos moradores nas quais se preserva a Floresta com Araucária e onde se encontram suas casas e seus animais; e as “terras de plantar”, que se constituem em áreas de uso particular de cada morador, onde se desenvolve a agricultura de subsistência. (SCHUSTER, 2009, p.2)

Portanto, dentro das áreas de faxinais é possível afirmar que encontrarmos uma lógica agrícola totalmente diferente do que é visto na imensa maioria das propriedades rurais do estado do Paraná, observadas nesta pesquisa.

Entre estas características diferentes entre os faxinais e as propriedades rurais comuns, a mais notada foi o interesse dos moradores dos faxinais com a produção de seus gêneros alimentícios sem a utilização de sementes transgênicas ou com pequena ou nenhuma utilização de aditivos agrícolas como pesticidas ou agrotóxicos, assim diferenciando-os da lógica do agronegócio.

Por essa lógica de pouca importância mercadológica, central no agronegócio, Chang (1988, p.107) afirma:

no Sistema Faxinal há uma coletivização do uso das terras de criação. Este espírito de coletivização é antagônico à racionalidade da produção capitalista, onde o privado é tido como pressuposto inviolável e inquestionável. (CHANG, 1988, p. 107)

Dentro das comunidades de faxinais é possível, por exemplo, observar outra relação com o modo de criação dos animais. Nestes lugares os animais ficam livres de cercas, galinheiros, currais e chiqueiros, são criados soltos por todas as terras compartilhadas e assim vivem de forma menos industrializada, o que mais uma vez não corresponde à lógica capitalista.

Portanto podemos afirmar que devido às características “anticapitalistas” dos faxinais expostas acima, a influência da globalização neoliberal em suas tradições, sociedade e cotidiano sofre influência em menor grau do que na sociedade urbana ou rural convencional. (CHANG, 1988)

Sistemas de produção agrícolas de alimentos que priorizam o abastecimento local e regional, além de produzirem contra a lógica do agronegócio e seus aditivos como

agrotóxicos, são precursores e peças fundamentais na promoção da soberania alimentar. (LONGHI, 2008)

Portanto, é possível afirmar que o sistema Faxinal pode ser classificado como um mecanismo mitigador da globalização, capitalismo e da homogeneização de hábitos e tradições alimentares, permitindo assim que se possa encontrar nos faxinais um ponto de resistência da manutenção de tradições, soberania alimentar e principalmente na produção de gêneros alimentícios que não necessariamente interessam ao mercado capitalista.

Com a possibilidade de acesso ao alimento a escala humana, é possível educar novas gerações e passar tradições alimentares, assim contribuindo para manutenção de uma cultura. Nesse sentido, Giard (1996, p.250) confirma essa ideia quando afirma: “os indivíduos tendem a ficar identificados a hábitos alimentares de sua infância: alimentos que eles se habituem a comer desde a tenra idade e se estendem ao longo de sua vida cotidianamente”.

Conclusões

A globalização, fruto do capitalismo, traz consigo alguns efeitos danosos para população e sua cultura, costumes e tradições. Quando se observa como que a relação com a alimentação se dá na atualidade, observa-se que o consumo cada vez maior de produtos industrializados e uma repetição das mesmas culturas agrícolas.

Esse processo, chamado de “McDonalização”, em referência a gigante de fast foods, faz esse papel de homogeneizar hábitos alimentares de forma globalizada, assim sendo mais rentável para as grandes empresas de alimentos processados e industrializados escorrerem seus produtos para diversos mercados.

Um exemplo prático disso nos dias de hoje é ver como se dá a relação de produtos derivados de commodities como trigo, arroz e soja e seu imenso mercado de consumo em biscoitos, bolachas, pães e outras formas. Devido a isso, o cultivo desses gêneros agrícolas tomam proeminência e se consolidam no agronegócio.

Buscando observar por outro prisma, é possível encontrar nos territórios de sistema faxinal, um ponto de resistência a esses efeitos homogeneizadores da globalização capitalista nos hábitos e, conseqüentemente, nas tradições alimentares.

O principal ponto a se observar nesta relação é o fato de que nas áreas de faxinais, que devido a sua ideologia se mantém afastado da lógica mercadológica do agronegócio, a

produção de sementes crioulas, variedades agrícolas não interessantes para o mercado e criação de animais de forma não industrial, são viáveis, realizáveis e podem propiciar a conservação de costumes e tradições alimentares.

Como conclusão deste trabalho, é possível afirmar a ideia de que é possível identificar os faxinais como mecanismos mitigadores dos impactos da globalização neoliberal nas tradições alimentares, além de identificar também seu papel de resistência na luta pela soberania alimentar e pela terra.

Isso se deve principalmente a questão de que nesses espaços é possível produzir alimentos em escala humana, diferente da agricultura convencional que busca uma produção em escala industrial, assim permitindo a produção de variados gêneros agrícolas para a alimentar, além de criar os animais de forma “humanizada”, em contraposição ao gado de corte da pecuária convencional.

É importante frisar que as hipóteses levantadas a priori, comparadas com a realidade observada, debatidas e descritas a posteriori, são confirmadas em absoluto. Assim, esperamos que esse trabalho venha colaborar com futuras produções sobre o tema, além de agregar a debates sobre alimentação, faxinais e enfrentamento ao agronegócio.

Referências Bibliográficas

- CAMACHO, R. S. **O agronegócio latifundiário versus a agricultura camponesa: a luta política e pedagógica do campesinato.** In: Anais do XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009, p. 1-34
- CARVALHO, H. M. de. **Da aventura à esperança: a experiência auto-gestionária no uso comum da terra.** Curitiba: 1984.
- CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal: Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná.** Londrina: IAPAR, 1988, 124f. (Boletim nº 22).
- DA MATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?.** Rio de Janeiro: Rocco; 1986.
- GARCIA, R.W.D. **Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana.** In: Revista de Nutrição, Campinas, out./dez., 2003
- GIARD, L. ; CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – morar, cozinhar.** Petrópolis, RJ: Vozes; 1996.
- HARVEY, D. **A brief history of neoliberalism.** Oxford: Oxford University Press; 2005.
- HOBBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IANNI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LONGHI, A. **Agroecologia e soberania alimentar**. 2008. Disponível em:
<http://cetap.org.br/wp-content/uploads/2008/10/agroecologia-e-soberania-alimentar2.pdf> .
Disponível em: 29 de maio de 2017.

MACIEL, M. E. Identidade cultural e alimentação. IN: CANESQUI, A M.; GARCIA, R. W. D. (org.) **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MARX, K. ;ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**: tradução de Letícia Martins de Andrade. São Paulo: editora SENAC: 2008

GONÇALVES, C. W. P. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GONÇALVES, C. W. P. **Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais**. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de; MARQUES, Marta Inês Medeiros (org.). O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa amarela; Paz e Terra, 2004, p.27- 64.

RITZER, G. **The McDonaldization of society**. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press; 2004.

SANTOS, C. R. A. **O Império Mcdonald e a Mcdonalização da Sociedade: Alimentação, Cultura e Poder**. Seminário facetas do império na história, 2006 nov. Disponível em:
<http://people.ufpr.br/~andreadore/antunes.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2017.

SANTOS, M.. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHUSTER, W. T.; LÖWEN SAHR, C. L. **O Faxinal do Presente e o Faxinal do Passado: evolução do uso da terra no Faxinal Saudade Santa Anita - Turvo - PR**. XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2009, São Paulo. Anais do XIX ENGA. São Paulo: USP, 2009. p. 1-17.

TAVARES, L. A. **Campesinato e os Faxinais do Paraná: as terras de uso comum**. 2009, 755p. (Tese de doutorado), USP, São Paulo, 2008.